

Cadê o amor da mamãe? As interrogativas na Fala Dirigida à Criança adquirindo o PB

Where's mommy's love? Questions in Infant Directed-Speech in BP

Cristina Name¹, Juan Manuel Sosa²

NEALP/Universidade Federal de Juiz de Fora/CNPq, Brasil; Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil e Simon Fraser University, Canadá

RESUMO

A fala dirigida à criança (FDC) apresenta características consideradas facilitadoras da aquisição da linguagem. Neste artigo, focalizamos duas delas – o alto número de interrogativas e prosódia exagerada – em uma análise de corpora de enunciados produzidos em situações de interação entre quatro bebês (4-12 meses) adquirindo o PB e seus familiares. Os resultados revelaram que as interrogativas representam quase 40% do total dos enunciados, são marcadas por registro alto e amplo movimento de *pitch*, destacando-se de outras construções. Nos primeiros meses, são usadas para engajar o bebê na cena comunicativa, e depois passam a ter a função de verificar sua compreensão e pedir informação, acompanhando o desenvolvimento cognitivo e linguístico do bebê.

PALAVRAS-CHAVE:

Fala dirigida à criança (FDC). Interrogativas. Prosódia. Português brasileiro. Aquisição da linguagem.

ABSTRACT

Infant-directed speech has characteristics supposed to facilitate language acquisition. In this article, we focus on two of them - high number of questions and exaggerated prosody - in our analysis of corpora of IDS produced by adults interacting with four Brazilian Portuguese learning infants (4-12 months). The results indicated that questions represent almost 40% of all utterances and are marked by high register and wide pitch movement. In the first months of baby's life, questions are used to engage her in the communicative scene; as she grows developing her cognitive and linguistic abilities, questions have a function of checking the baby's understanding and seeking information.

KEYWORDS:

Infant-directed speech (IDS). Questions. Prosody. Brazilian Portuguese. Language acquisition.

Recebido em: 15/05/2020

Aceito em: 11/08/2020

¹ E-mail: cristina.name@ufjf.edu.br | ORCID: 0000-0001-5625-9503.

² E-mail: juan_sosa@sfu.ca | ORCID: 0000-0002-4781-6336.

1. Introdução

Em muitas culturas, é comum que adultos, e até mesmo crianças mais velhas, modifiquem sua fala quando interagem com bebês, utilizando, nesse contexto, um registro de fala distinto daquele usado por adultos e crianças mais velhas quando interagem entre si (Fernald et al., 1989; Weppelman et al., 2003; Soderstrom, 2007; Lee, Davis e MacNeilage, 2008). Tal registro, denominado fala dirigida à criança (doravante, FDC)³, se caracteriza por diversas modificações sintáticas, lexicais e prosódicas quando comparado à fala entre adultos, tais como: frases mais curtas, estruturalmente simples, com poucos encaixamentos e número elevado de perguntas; repetição de palavras, diminutivos, duplicação de sílabas; pausas longas entre enunciados, *tempo* mais lento, hiperarticulação, *pitch* mais alto, maiores variações de *pitch* (Garnica, 1977; Snow, 1977, 1995; Fernald, 1992; dentre outros).

As características prosódicas são as que mais se destacam no contraste com a fala produzida entre adultos e crianças mais velhas (denominada Fala Dirigida ao Adulto, doravante, FDA), e têm sido consideradas por muitos autores facilitadoras do processo de aquisição linguística (ver Saint-Georges et al., 2013 para revisão). Por exemplo, fronteiras entre sentenças, sintagmas e palavras, ou ainda, distinções entre estruturas (interrogativas e declarativas, p.ex.), seriam destacadas por pausas longas e variações de *pitch*, e usadas pelo bebê como pistas para a aquisição do léxico e da sintaxe da língua. Com efeito, uma série de estudos em diferentes línguas sugere que os bebês são capazes de reconhecer palavras inseridas no fluxo de fala e são sensíveis a diferentes tipos de estrutura sintática baseados em pistas prosódicas, antes de serem capazes de acessar informações de natureza semântica, sintática e/ou discursiva (Gout, Christophe e Morgan, 2004; Thiessen, Hill e Saffran, 2005; Matsuoka e Name, 2011; Frota, Butler e Vigário, 2014; Silva e Name, 2014; Costa, 2015; Chiang, Geffen e Mintz, 2018).

Outro importante traço da FDC é a forte presença de interrogativas, observada em interações com bebês adquirindo diferentes línguas como o inglês americano (Newport, 1977) e o coreano (Narayan e McDermott, 2016). Parece paradoxal que tantas perguntas sejam formuladas se não poderão ser respondidas (ao menos, verbalmente) pelo bebê. Pode-se supor que,

³ *Motherese* (Newport, 1977), *Infant-Directed Speech* (IDS) (Fernald, 1992) e *Child-Directed Speech* (CDS) (Snow, 1995) são os termos mais comuns usados na literatura em inglês e, em português brasileiro, Manhês (Cavalcante, 1999), Fala Dirigida à Criança (FDC) (Matsuoka e Name, 2009; Barbosa e Cardoso-Martins, 2014) e maternalês (Dadalto e Goldfeld, 2006). É possível haver nuances de sentido no uso de um ou outro termo, que não serão consideradas neste artigo.

intuitivamente, o adulto as use como estratégia para estabelecer uma conexão durante a interação comunicativa, de modo que as distinções entoacionais entre interrogativas e outras estruturas, realçadas na FDC, estimulariam a atenção do bebê e seu engajamento. De toda forma, ainda que não seja esse o objetivo do adulto, o uso massivo de perguntas pode permitir ao bebê uma distinção preliminar de diferentes estruturas, facilitando o processo de aquisição sintática (Geffen e Mintz, 2017), e resultados experimentais sugerem que, baseados em pistas prosódicas, bebês entre 4 e 9 meses adquirindo o português europeu e o basco distinguem interrogativas de declarativas (Frota, Butler e Vigário, 2014; Sundara, Molnar e Frota, 2015). Ainda, o uso de interrogativas dirigidas a bebês, a nosso ver, também poderia facilitar o aprendizado de uma importante habilidade, que é a troca de turnos (*turn-taking*), vinculando o desenvolvimento cognitivo do bebê à interação social.

Pouco estudadas até recentemente, as interrogativas na FDC têm despertado interesse de pesquisas em aquisição da linguagem (Thorson et al., 2014; Geffen e Mintz, 2017; Chiang, Geffen e Mintz, 2018), mas ainda carecem de investigação na FDC usada em contextos de aquisição do português brasileiro (PB), objetivo de nosso trabalho. A partir da análise de corpora de enunciados produzidos no registro de FDC em situações de interação entre adultos e bebês, apresentamos um panorama relativo à proporção de perguntas em relação ao total de enunciados, o tipo de perguntas produzidas (*Qu* e *Sim/Não*) e suas características prosódicas, em contraste com os padrões observados no registro de FDA no português brasileiro. Ainda, dado o aparente paradoxo – muitas perguntas endereçadas a bebês incapazes de respondê-las verbalmente –, procuramos investigar as intenções comunicativas desses enunciados, em termos de pergunta plena, retórica ou semirretórica (cf. Silva e Santos, 2015).

O artigo segue a seguinte organização: a próxima seção trata das interrogativas, seus diferentes tipos – *Qu* e *Sim/Não* – e suas características prosódicas no português brasileiro (FDA). Será também brevemente abordada a classificação das perguntas em função da intenção comunicativa do falante, como retórica, plena ou semirretórica; a seção seguinte apresenta uma breve revisão da literatura sobre FDC no contexto de aquisição do PB, com foco na caracterização de suas propriedades; a terceira seção apresenta nosso estudo de corpora com enunciados produzidos no registro de FDC em situações espontâneas de interação entre dez adultos (7 mulheres: mães (3), avó (1), bisavó (1), madrinha (1) e tia (1); 3 homens: pai (1) e tios (2)) e quatro bebês entre 4,15 e 11,15 meses (i.e., entre quatro meses e meio e onze meses e meio de idade); por fim, na conclusão, retomamos os pontos centrais que discutimos e apontamos alguns

possíveis encaminhamentos.

2. Algumas considerações sobre as Interrogativas

De modo geral, as línguas naturais apresentam marcadores distintivos de sentenças declarativas e interrogativas, tais como inversão da ordem, inserção de morfemas (sinalizadores morfossintáticos) nas interrogativas e/ou diferenças prosódicas. Algumas línguas, como o português, o espanhol e o basco, caracterizam-se por apresentar, quase exclusivamente, distinções prosódicas, mas é interessante observar que, mesmo línguas como o inglês, cujo contraste entre declarativas e interrogativas se manifesta morfossintaticamente, também apresentam marcadores prosódicos. Nessa língua, por exemplo, frequentemente as declarativas seguem contorno entoacional descendente, enquanto as interrogativas apresentam entoação ascendente (Hedberg, Sosa e Fadden, 2004; Ladd, 2008). Moraes (1998) defende que a entoação é o principal sinalizador da distinção entre declarativas e interrogativas. A entoação é um dos componentes da prosódia, junto com o ritmo, o acento frasal e lexical, a velocidade da fala (*tempo*), dentre outros; é percebida como inflexões, “subidas e descidas” da fala, e se constitui da duração, da intensidade e da frequência fundamental (f_0), sendo essa última crucial para a determinação do padrão entoacional de um enunciado (Gussenhoven, 2004). A F_0 , medida em Hz, corresponde ao número de vezes que as pregas vocais se abrem e se fecham por segundo, i.e., a frequência de vibração, e as variações nessa frequência são percebidas como variações de *pitch* na dimensão entre tons graves e agudos.

No PB, as perguntas *Sim/Não* (*yes/no questions*) apresentam, em sua maioria, um contorno “circunflexo”, de subida e descida com o pico na última sílaba acentuada, e se distingue das sentenças declarativas pelo acento nuclear em subida (Moraes e Colamarco, 2007; Moraes, 2008; Nunes, 2015). As perguntas *Qu* (*Wh-questions*, compostas por elementos “qu-”: *quem, qual, o que...*) tendem a ter um contorno descendente: o *pitch* começa alto no elemento “qu-” (quando o pronome está no início da sentença) e vai gradualmente caindo até a última sílaba acentuada (Moraes, 2008; 1993).

Na perspectiva da Teoria dos Atos de Fala, as perguntas são classificadas como atos diretivos, junto com ordens e pedidos (Searle, 1969). Pragmaticamente, pode-se observar a mesma força ilocucionária em enunciados cujas estruturas sintáticas – interrogativas, declarativas e imperativas – diferem. Searle (1969) aponta ainda que a entoação tem papel distintivo entre os

atos diretivos. Como podemos observar, a caracterização entoacional das perguntas no PB apresentada no parágrafo anterior difere da descrição dos contornos melódicos feita por Gomes da Silva, Carnaval e Moraes (2020):

[Ordem:] Sua curva de F0 apresenta um ataque alto, seguido por queda ao longo do enunciado e atingindo, por fim, um tom baixo sobre a tônica final, seguido de tom de fronteira também baixo (...). Fonologicamente, a ordem apresenta a seguinte configuração tonal: L+H*, para o pré-núcleo, e H+L*L%, para a posição nuclear. Consideramos o pré-núcleo como o vocábulo que inclui a primeira sílaba tônica do enunciado e núcleo, o que contém a última sílaba tônica; (...).

O pedido se caracteriza também por um ataque melódico alto seguido pela queda de F0. A região pré-nuclear costuma se apresentar mais alta em relação ao pré-núcleo da ordem (...). No entanto, a distinção do pedido em relação ao contorno da ordem encontra-se, sobretudo, no núcleo, caracterizado pelo movimento melódico circunflexo com alinhamento antecipado do pico de F0. Portanto, o nível melódico mais alto do pré-núcleo no pedido poderia ser interpretado como um traço redundante, não propriamente distintivo, e, dessa forma, não fonológico.

Assim, a notação fonológica para o pedido apresenta a mesma configuração pré-nuclear que a da ordem, L+H*, diferenciando-se em posição nuclear com a seguinte notação L+>H*L%1 (Gomes Da Silva, Carnaval e Moraes, 2020, p. 334-335).

Ainda, é importante destacar que, em termos discursivos, as interrogativas podem ser divididas entre perguntas plenas e retóricas de acordo com a intenção comunicativa do falante. A pergunta plena se caracteriza por buscar informação a ser dada pelo interlocutor na forma de resposta verbal (Silva e Santos, 2015; Braun et al., 2018). Quanto à retórica, é formulada para não ser respondida (Silva e Santos, 2015) e, para Braun et al. (2018), tem por objetivo buscar o engajamento do interlocutor à questão, e não uma resposta. Dehé e Braun (2019) defendem que a pergunta retórica tem três características: não espera resposta; tem a “sensação de uma afirmação” (*“the feel of an assertion”*, Dehé e Braun, 2019, p. 2); e pode ser opcionalmente respondida. As autoras defendem ainda que a pergunta precisa indicar a atitude não inquisitiva do falante para que seja interpretada como retórica (Dehé e Braun, 2019, p. 2). Além de plenas e retóricas, Silva e Santos (2015) apresentam um terceiro tipo de pergunta: as semirretóricas, quando o mesmo falante formula e responde a pergunta, manifestando um “enfraquecimento semântico” da pergunta plena (Silva e Santos, 2015, p. 249). Em outras palavras, a busca de informação e a presença de resposta, que caracterizam a pergunta plena, seriam mantidas, porém de forma atenuada. Estudos recentes vêm buscando caracterizar prosodicamente perguntas plenas e retóricas na FDA em diversas línguas e verificar possíveis distinções entre esses dois tipos de perguntas (Braun et al., 2018; Dehé e Braun, 2019, para o alemão e o inglês, respectivamente).

Como já dito, há uma alta taxa de perguntas na FDC (em torno de 40%, segundo Newport,

1977), ainda que não sejam esperadas respostas verbais do bebê. Qual ou quais seria(m) a(s) função/ões dessas questões produzidas pelo adulto interagindo com o bebê, já que não satisfazem Condições de Felicidade do ato de fala (Austin, 1962; Searle, 1969), na medida que o falante (adulto) pode não estar interessado na resposta (em seu conteúdo) ou mesmo não esperar uma resposta e o ouvinte (o bebê) pode não ter condições de entendê-la nem de respondê-la (por meio de enunciado linguístico)? Tais perguntas seriam genuínas, i.e., buscam informação do interlocutor? Seriam perguntas retóricas – já que não se pressupõe uma resposta? As características brevemente apresentadas no parágrafo anterior nos ajudaram a classificar as perguntas de nossos corpora quanto às intenções comunicativas do falante, e foram adaptadas às condições de interação com bebês (ver 4.2., adiante).

3. Propriedades da FDC em contexto de aquisição do PB

Segundo Scarpa (2005), “a prosódia tem dupla face na aquisição. É a via privilegiada de engajamento da criança no diálogo e, ao mesmo tempo, é o veículo primeiro da organização das formas linguísticas, sobretudo através dos sistemas de ritmo e entonação.” (Scarpa, 2005, p. 21). Portanto, conhecer as características prosódicas da FDC é uma importante etapa para o entendimento do processo de desenvolvimento linguístico, cognitivo e social da criança. A breve revisão da literatura que aqui se apresenta focaliza estudos relativos às propriedades prosódicas e às estruturas sintáticas já observadas em dados de FDC em contexto de aquisição do PB.

De modo geral, as características encontradas em outras línguas também foram observadas no PB, tais como frases curtas e sintaticamente simples, repetição de palavras, reduplicação de sílabas, quantidade elevada de perguntas e de diminutivos; melodia aguda, ampla extensão de *pitch*, registro alto e ritmo mais lento (Barbosa, 2013; Dadalto e Goldfeld, 2006; Ferreira, Baia e Pacheco, 2017; Name e Sosa, 2020; Pessôa e Moura, 2011; Splendore, Constantini e da Silva, 2019). Cavalcante (1999; ver também Cavalcante e Barros, 2012) destaca que a mãe modaliza sua voz para chamar a atenção de seu bebê, acalmá-lo, conversar com ele. Vozes sussurradas, graves, em falsete fazem parte da dialogia mãe-bebê.

O uso da FDC já foi verificado em interações com bebês de 3 meses a crianças de 4 anos adquirindo o PB e adultos de idades e nível de educação formal diversos. Splendore, Constantini e da Silva (2019) investigaram a relação entre padrões prosódicos da fala materna e a constituição do processo interativo mãe-bebê, a partir da análise de dez díades mãe-bebês entre 3 e 8 meses.

As autoras verificaram o uso espontâneo de FDC por nove das dez mães e pela irmã de 4 anos ao interagir com seu irmão. Foram observados aumento da extensão vocal e ritmo mais lento, assim como frases curtas e simples.

Dadalto e Goldfeld (2006) observaram a interação de uma mesma mãe com seus dois filhos, um menino de 12 meses e uma menina de 3;9 anos. Os enunciados, em FDC, apresentaram *pitch* alto e entoação exagerada para as duas crianças. As diferenças ocorreram principalmente no nível sintático, com mais subordinadas nos enunciados produzidos na interação com a filha mais velha, mais imperativas e mais repetições para o filho bebê. É interessante notar que não houve diferença na taxa de produção de interrogativas nas interações com as duas crianças.

Alguns estudos se voltaram para as estruturas sintáticas presentes na FDC. Barbosa (2013; ver também Barbosa e Cardoso-Martins, 2014) focalizou a frequência relativa de diferentes construções e seu impacto no desenvolvimento lexical inicial. A autora analisou 35 díades mãe-bebê em três momentos: aos 9, aos 13 e aos 18 meses, e encontrou maior número de fragmentos (palavras isoladas e fragmentos de frases), seguidos de imperativas, interrogativas, cópulas, declarativas e frases complexas, em ordem decrescente. Em seus dados, as perguntas representaram em torno de 17% do total analisado, sem diferença significativa entre as taxas de ocorrências nas três idades e entre perguntas *Qu* e *S/N*. Mesmo havendo alguma divergência na forma de análise dos dados (fragmentos não foram considerados em nossas análises), é interessante observar que as interrogativas foram o segundo tipo de sentença mais frequente nos enunciados, atrás apenas das imperativas. O percentual baixo verificado pode ser em parte devido à contagem de fragmentos. Como será visto adiante, as interrogativas representaram quase 37% dos enunciados de nossos dados, sendo o tipo de estrutura mais frequente.

Pessôa e Moura (2011) também observaram aspectos sintáticos em um estudo longitudinal com quatro díades mãe-criança de 13 aos 24 meses durante um ano. As sentenças foram classificadas como afirmativas (declarativas afirmativas), negativas (declarativas negativas), imperativas/diretivas (ordens e pedidos), e interrogativas/elicitivas de conversação (Pessôa e Moura, 2011, p. 441). No que concerne às interrogativas, as autoras observaram pouca variação na taxa média entre as crianças (em torno de 22%), mas grande variação entre as sessões (verificado também para outras estruturas), p.ex., de 8% a 46%. De modo geral, as interrogativas ficaram em segundo lugar em termos de frequência nos enunciados, atrás das afirmativas.

Nessa breve revisão de trabalhos sobre a FDC em contexto de aquisição do PB, podemos destacar alguns pontos. Aqueles voltados para uma análise prosódica dos enunciados

encontraram características semelhantes às aquelas já observadas em outras línguas. Os estudos que se ocuparam das construções sintáticas verificaram a presença de interrogativas nos dados, com taxas abaixo da relatada na literatura estrangeira. À exceção de Splendore, Constantini e da Silva (2019), os demais trabalhos abrangeram faixas etárias maiores do que a que investigamos, para além do primeiro ano de vida. Por fim, apesar de haver um volume considerável de pesquisas sobre a FDC no PB, encontramos poucas que de algum modo tratassem de interrogativas, ainda que tangencialmente.

A fim de diminuir essa lacuna, investigamos as interrogativas na FDC produzida na interação entre adultos e bebês adquirindo o PB, durante o primeiro ano de vida. Tal escolha se justifica por ser um período em que o bebê é particularmente sensível a propriedades prosódicas dos estímulos linguísticos e está ainda no início de seu desenvolvimento linguístico (Kuhl, 2004). Buscamos responder as seguintes questões: As interrogativas estão presentes de forma expressiva nos enunciados de FDC no PB? Perguntas *Qu* e *Sim/Não* são ambas encontradas e em proporção semelhante? São prosodicamente semelhantes às interrogativas produzidas em contexto de FDA? São realçadas prosodicamente? Quais seriam as intenções comunicativas por elas veiculadas?

4. Nosso estudo⁴

4.1 Participantes e Coleta de dados

Nossos corpora são constituídos de enunciados produzidos por adultos interagindo com quatro bebês, três meninas e um menino, durante situações espontâneas e cotidianas, nas casas das crianças. Todos os adultos são falantes nativos do PB. O recrutamento das famílias se deu a partir da divulgação da pesquisa em diversos canais. Os responsáveis pelas crianças foram orientados a realizar gravações de situações cotidianas de interação entre um adulto (ou mais) e o/a bebê, ficando à vontade para escolher quantos e quais momentos seriam gravados. O tipo de gravação – áudio e imagem (vídeo) ou apenas áudio – também ficou a critério dos responsáveis. Duas famílias usaram celular para as gravações e duas famílias usaram um gravador digital Sony PCM-D50, cedido pelo NEALP. Optamos por deixar a critério dos responsáveis das crianças as decisões quanto à escolha das situações, à quantidade de gravações e ao tipo de gravação – de

⁴ O projeto de pesquisa do qual faz parte este estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa/UFJF (CAAE: 28142820.5.0000.5147). Os verdadeiros nomes das crianças foram trocados por nomes fictícios de modo a preservar suas identidades, assim como a de seus familiares.

vídeo ou de áudio –, a fim de minimizar a interferência das gravações na rotina do bebê e da família e de modo a ter variedade de situações de interação adulto-bebê. As gravações foram realizadas pelos pais, sem a participação dos pesquisadores.

- Corpus A: interações entre Gigi, bebê entre 4 e 5 meses do gênero feminino e sua mãe, seu pai, sua avó e seu tio. As gravações de áudio ocorreram durante situações espontâneas de brincadeira, das quais participavam ao menos dois adultos. Foram 14 gravações, realizadas por meio do gravador digital Sony PCM-D50, que totalizaram 28 minutos e 6 segundos;
- Corpus B: interações entre Don, bebê de 6 meses e meio do gênero masculino e sua mãe, sua bisavó, seu tio e sua tia. As gravações de áudio ocorreram durante situações espontâneas de brincadeira, das quais participaram ao menos dois adultos. Foram 5 gravações, realizadas por meio do celular (*smartphone*) da responsável da criança, que totalizaram 9 minutos e 21 segundos;
- Corpus C: interações entre Bel, bebê entre 6 e 10 meses do gênero feminino e sua mãe. As gravações de vídeo ocorreram durante situações espontâneas de conversa e/ou brincadeira em três momentos: aos 6, aos 8 e aos 10 meses. Foram 5 gravações, realizadas por meio do celular (*smartphone*) da responsável da criança, totalizando 3 minutos e 45 segundos;
- Corpus D: interações entre Tatá, bebê entre 11 e 12 meses do gênero feminino e sua madrinha. As gravações de áudio ocorreram durante situações de conversa, jogos e/ou durante refeições. Foram 3 gravações, realizadas por meio do gravador digital Sony PCM-D50, que totalizaram 12 minutos.

Foram contabilizados um total de 787 enunciados, excluídos emissões não verbais, cantos e conversas entre adultos, assim distribuídos entre os corpora (Tabela 1):

Tabela 1 – Enunciados por corpus

Corpus A – Gigi 4 – 5 meses	Corpus B – Don 6 ½ meses	Corpus C – Bel 6 – 10 meses	Corpus D – Tatá 11 – 12 meses	Total de enunciados
334	156	70	227	787

4.2 Critérios de análise

- **Estrutura sintática:** (1) classificação entre interrogativas e outras construções (declarativas, imperativas, exclamativas etc.); (2) classificação entre interrogativas *Qu* e *Sim/Não*;
 - **Atos de Fala:** classificação entre os atos diretivos de perguntas, ordens e pedido;
 - **Intenção comunicativa:** classificação entre perguntas
 - Plenas – o adulto busca uma informação nova e espera uma resposta do bebê. Exemplo: “Quer chupeta?”;
 - Retóricas – o adulto estimula o engajamento do bebê na cena comunicativa; não há busca de informação nova. Exemplo: “Cadê a gostosa da mamãe?”;
 - Semirretóricas – não há busca de informação nova, nem apenas de engajamento do bebê; o adulto quer verificar a compreensão do enunciado/da cena pelo bebê. Exemplo: “De quem que é essa mãozinha aqui?”;

 - **Prosódia:**
 - Forma do contorno terminal do *pitch*: descendente, ascendente, ascendente/descendente (*rise/fall*), platô (plano);
 - Extensão do movimento do *pitch*: refere-se à diferença quantitativa entre picos e vales, medida em semitons e oitavas; as diferenças que atingem uma oitava ou mais, para cima ou para baixo, foram consideradas como “marcadas” para esse recurso. Nossa proposta de usar a oitava como medida para classificar os enunciados como *amplos* se baseia no fato de que intervalos de oitavas e meias-oitavas desempenham papéis específicos na produção da fala, ligados à percepção humana. Na fala natural, o aumento do movimento do *pitch* (tessitura), particularmente na parte alta do registro do falante, é indicativo de fala expressiva. O piso e o teto tonal podem ser expandidos, o que acontece mais frequentemente nos tons altos, até duas oitavas (De Looze e Hirst, 2014). No português brasileiro têm sido documentados movimentos de uma oitava ou mais na realização de alguns contornos específicos, sendo esse movimento característico de certos enunciados “marcados” (Seara, Sosa e Pires de Oliveira, 2018).
 - Registro: se o *pitch* médio de toda a expressão foi pronunciado com faixa “normal” ou “alta”; isto é, se os limites inferior e superior do movimento do tom (em Hz) estavam dentro da faixa esperada para adultos, ou se todo o enunciado foi elevado,
-

afetando a linha de base tonal e o limite superior. Consideramos *altas* as perguntas com uma linha de base acima de 130 Hz para homens e 250 Hz para mulheres⁵;

- o Qualidade da voz: distinguimos se um enunciado ou parte de um enunciado era perceptivamente "sussurrado" (*breathy*) – voz soprosa – ou não.

4.3 Resultados e Discussão

Considerando-se a estrutura sintática, foram identificadas 289 perguntas, correspondendo a 36,72% do total de enunciados, próximo do reportado na literatura (em torno de 40%). A distribuição entre os quatro corpora foi semelhante, com uma proporção maior no corpus A, da bebê mais nova, Gigi (44,9%), e menor no corpus C, coletado entre os 6 e os 10 meses de outra bebê, Bel, conforme podemos observar na Tabela 2 (abaixo). Essa variação da taxa de ocorrências entre os corpora não parece ser devida à idade dos bebês, já que as taxas mais altas foram observadas nas interações com a bebê mais nova e com a mais velha, Tatá (11-12 meses).

Tabela 2 – Valores totais e percentuais de perguntas por corpus

Corpus / Estrutura sintática	Corpus A – Gigi 4 – 5 meses	Corpus B – Don 6 ½ meses	Corpus C – Bel 6 – 10 meses	Corpus D –Tatá 11 – 12 meses	Total de enunciados
Perguntas	150	53	23	63	289
Não Perg.	184	103	47	164	498
Total	334	156	70	227	787
Perg./Total	44,9%	34%	32,86%	38,41%	36,72%

Em relação ao tipo, as perguntas *Qu* foram a maioria, com 198 ocorrências (68,51% do total de interrogativas), contra 91 do tipo Sim/Não. Houve grande variação na proporção dos dois tipos de perguntas nos corpora. As perguntas *Qu* atingiram quase 87% no corpus C, da Bel. Já nos dados da Tatá (corpus D) observa-se certo equilíbrio entre os dois tipos de perguntas, com leve vantagem para as ocorrências de *Qu* (53,97%). Mais uma vez, tal variação não parece decorrente

⁵ As vozes masculinas típicas variam de 85 Hz a 180 Hz; já as vozes femininas típicas variam entre 165 Hz e 255 Hz. A média de F0 é de cerca de 120 Hz para os homens e de 210 Hz para as mulheres (Traunmüller e Eriksson, 1995). A escolha do parâmetro *altura do piso tonal* para distinguir os enunciados foi motivada pela observação de dois fenômenos em nossos dados: um incremento importante do contorno global, incluindo essa linha de base tonal, o que achamos relevante, e incremento da média dos enunciados marcados.

do fator idade, pois o maior e o menor índices ocorreram nos dados das duas bebês mais velhas. A Tabela 3 apresenta os valores totais e percentuais das ocorrências dos dois tipos de perguntas, separados por corpus.

Tabela 3 – Perguntas e tipos de perguntas por corpus

Corpus / Pergunta	Corpus A – Gigi 4 – 5 meses		Corpus B – Don 6 ½ meses		Corpus C – Bel 6 – 10 meses		Corpus D –Tatá 11 – 12 meses	
	<i>Qu</i>	<i>S/N</i>	<i>Qu</i>	<i>S/N</i>	<i>Qu</i>	<i>S/N</i>	<i>Qu</i>	<i>S/N</i>
Tipo	101	49	43	10	20	3	34	29
Total	150		53		23		63	
Qu/Total	67,33%		81,12%		86,96%		53,97%	

Considerando-se os atos de fala diretivos, foram encontradas 123 ocorrências de ordem e apenas 38 de pedidos; juntos, correspondem a 20,46% dos corpora. Somados às interrogativas, os três atos diretivos representam um pouco mais da metade dos corpora (450 ocorrências, 57,18%). Vale notar que há um equilíbrio entre o número de ocorrências de ordens e pedidos no corpus da bebê mais nova, Gigi (corpus A), o que não acontece nos demais corpora. Os dados de Don e Bel (corpora B e C, respectivamente) não apresentaram enunciados de pedido e foi reduzido o número de ocorrências de pedidos no corpus D, da criança mais velha, Tatá. A prevalência ou não de ordens em relação a pedidos nos corpora pode ser decorrente de um conjunto de fatores, como a idade da criança e, conseqüentemente, seu desenvolvimento cognitivo e motor, e as atividades durante as quais ocorreram as gravações. Observou-se que, no caso de Gigi, as ordens remetiam sobretudo a ações involuntárias ou pouco voluntárias da criança (p.ex., “tira a mão da boca”) e se alternavam com pedidos. Para as demais crianças, as ordens ocorriam em contextos em que adulto e criança construía juntos e ativamente a cena (p.ex., tio brincando com o Don: “pega o Garfield”; mãe brincando com Bel: “aperta mais pra gente dançar”[o botão do aparelho]; madrinha brincando com Tatá “chama o auau”). O detalhamento dos dados dos atos diretivos é mostrado na Tabela 4, abaixo.

Tabela 4 – Diretivos por corpus

Corpus / Diretivos	Corpus A – Gigi 4 – 5 meses	Corpus B – Don 6 ½ meses	Corpus C – Bel 6 – 10 meses	Corpus D –Tatá 11 – 12 meses	Total de enunciados
Ordem	27	22	13	61	123

Pedido	24	0	0	14	38
Pergunta	150	53	23	63	289
Total Diretivos	201	75	36	138	450
Diretivos/Total de enunciados	60,18%	48,08%	51,43%	60,79%	57,18%

No universo dos atos diretivos, observamos predomínio das interrogativas (64,22%) no conjunto dos corpora. Sua ocorrência atinge 74,63% nos dados da bebê de 4-5 meses (Gigi), mas decai a 45,65%, abaixo da metade, nos dados da Tatá, de 11-12 meses, o que aponta para uma possível influência do fator idade, conforme se observa na Tabela 5, a seguir.

Tabela 5 – Relação entre interrogativas no conjunto dos atos diretivos por corpus

Corpus / Diretivos	Corpus A – Gigi 4 – 5 meses	Corpus B – Don 6 ½ meses	Corpus C – Bel 6 – 10 meses	Corpus D – Tatá 11 – 12 meses	Total de enunciados
Pergunta	150	53	23	63	289
Total Diretivos	201	75	36	138	450
Perg./Diretivos	74,63%	70,67%	63,89%	45,65%	64,22%

No que se refere à intenção comunicativa das perguntas produzidas, os dados totais apontam para um equilíbrio entre ocorrências de perguntas plenas e retóricas, com leve vantagem para essas últimas (45%). No entanto, o quadro se revela mais complexo quando se observam os percentuais de ocorrência de plenas, retóricas e semirretóricas por bebê. Como podemos observar na Tabela 6 (abaixo), as perguntas retóricas são maioria (68,7%) nas interações com Gigi, de 4-5 meses; nos dados de Don (6 meses e meio), há equilíbrio entre os três tipos de perguntas, com leve predomínio de retóricas (37,7%); Bel, cujos dados foram coletados em três momentos, apresenta quase totalidade de retóricas aos 6 meses, somente de semirretóricas aos 8 meses e quase totalidade de plenas aos 10 meses. Por fim, as perguntas plenas são claramente majoritárias (79,3%) no corpus da Tatá, de 11-12 meses. Nesse corpus, há apenas duas ocorrências de perguntas retóricas. Esses dados são apresentados na Tabela 6 (abaixo), com destaque para os registros de maior ocorrência em cada corpus. Com base nesses dados, é possível se pensar que a intenção comunicativa das perguntas da FDC seria modulada pela idade do bebê, tendo principalmente a função de engajar o bebê na cena nos primeiros meses, evoluindo para a

verificação da compreensão do enunciado e/ou da cena pelo bebê, até priorizar, ao final do primeiro ano de vida, a busca de informação e resposta efetiva da criança.

Tabela 6 – Interrogativas de acordo com a intenção comunicativa, por corpus

Corpus / Pergunta	Corpus A – Gigi 4 – 5 meses	Corpus B – Don 6 ½ meses	Corpus C – Bel			Corpus D –Tatá 11 – 12 meses	Total
			6m	8m	10m		
Retórica	103 (68,7%)	20 (37,7%)	5 (83,3%)	0	1 (14,3%)	2 (3,2%)	130 (45%)
Semirretórica	10 (6,6%)	16 (30,2%)	0	10 (100%)	0	11 (17,5%)	48 (16,6%)
Plena	37 (24,7%)	17 (32,1%)	1 (16,7%)	0	6 (85,7%)	50 (79,3%)	111 (38,4%)
Total	150	53	6	10	7	63	289

No cruzamento dos critérios *intenção comunicativa* e *tipo sintático*, tem-se que 77% das perguntas retóricas (100 de 130) e 83,3% das semirretóricas (40 de 48) são perguntas QU, enquanto as perguntas plenas apresentam equilíbrio entre as estruturas QU e S/N: respectivamente, 52,25% (58 de 111) e 47,75% (53 de 111), conforme podemos verificar na Tabela 7, a seguir. Com efeito, nossos dados apontam para uma preferência da estrutura QU na formulação de perguntas retóricas, pois os corpora de Gigi e de Don apresentaram 78% (80 de 103) e 80% (16 de 20) das perguntas retóricas com essa estrutura, respectivamente, e as duas únicas ocorrências de pergunta retórica no corpus de Tatá foram com a estrutura QU. Quanto aos dados de Bel, a grande maioria de ocorrências foi de perguntas QU (conforme visto na Tabela 3), independentemente da intenção comunicativa, mas as três ocorrências de perguntas S/N foram retóricas.

Tabela 7 – Interrogativas de acordo com a intenção comunicativa e a estrutura sintática

Estrutura sintática / Intenção comunicativa	QU	S/N	Total
Plena	58 (52,25%)	53 (47,75%)	111

Retórica	100 (77%)	30 (33%)	130
Semirretórica	40 (83,3%)	8 (16,7%)	48
Total	198	91	289

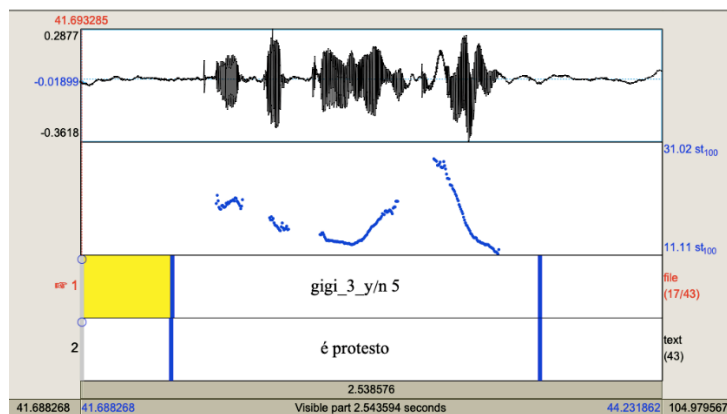
Quanto à análise prosódica, reportamos aqui os resultados mais relevantes, considerando os critérios listados em 4.2. Verificamos que 73,4% das interrogativas foram marcadas por um ou mais traços prosódicos da FDC (212 das 289 ocorrências). Registro alto, diferenças pronunciadas entre picos e vales, frequentemente atingindo uma oitava ou mais, tanto para cima quanto para baixo, ritmo lento e voz soprosa foram os traços mais observados. Há variação no uso desses traços pelos diferentes adultos, às vezes sugerindo particularidades de família. Por exemplo, a voz soprosa foi observada sistematicamente nas interações da mãe, do pai e do tio da Gigi, mas em nenhum outro participante dos demais corpora.

Ocorrências com registro alto representaram 45,3% das perguntas produzidas em FDC (96 das 212 ocorrências) e parecem ser um traço das perguntas retóricas, sobretudo nas interações com bebês mais novos. Esse percentual foi acima do que foi encontrado nos demais enunciados diretivos (ordens e pedidos), cuja maioria das ocorrências (61%) foi em registro normal ou baixo, como é o padrão na FDA, mostrado por Gomes da Silva, Carnaval e Moraes (2020).

O contorno de *pitch* das interrogativas seguiu o padrão encontrado na FDA tanto para as perguntas *Qu* – 55% com contorno descendente – quanto para as perguntas *S/N* – 67% com contorno ascendente-descendente. Já os pedidos e ordens (que não são muito diferentes entre si nesse aspecto) tiveram contorno descendente em sua grande maioria (82,7% dos dados), tal como descrevem Gomes da Silva, Carnaval e Moraes (2020).

A Figura 1, abaixo, é ilustrativa das características das perguntas retóricas e do tipo *S/N*, com contorno ascendente/descendente, registro alto (o pico subiu até 490 Hz) e amplo movimento do *pitch* – 14 *st* na subida e 16 *st* na queda, o que é um movimento considerável. Nesta figura e nas seguintes, mostramos a onda sonora, a curva do *pitch* e o que foi falado. O enunciado foi produzido pela mãe da Gigi, com 4 meses (corpus A).

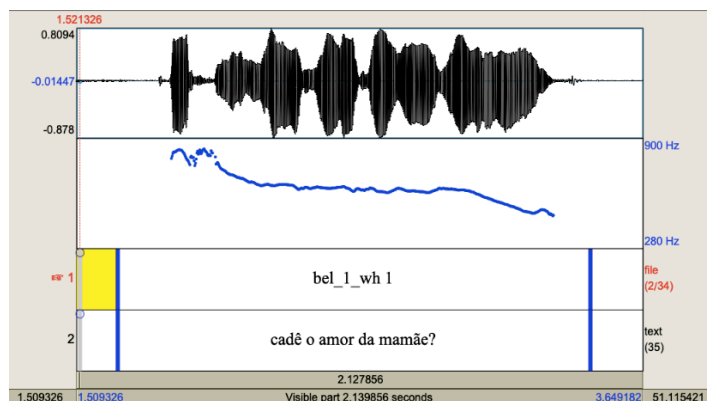
Figura 1 – Exemplo de pergunta *S/N* retórica com amplo movimento do *pitch* e registro alto



Fonte: Autoria própria

A Figura 2 apresenta uma pergunta *Qu*, retórica, com contorno descendente, registro muito alto e amplo movimento do *pitch* – começa a queda em 840 Hz e desce até 470 Hz, um movimento de 11 *st*. O enunciado foi produzido pela mãe da Bel, com 6 meses (corpus C).

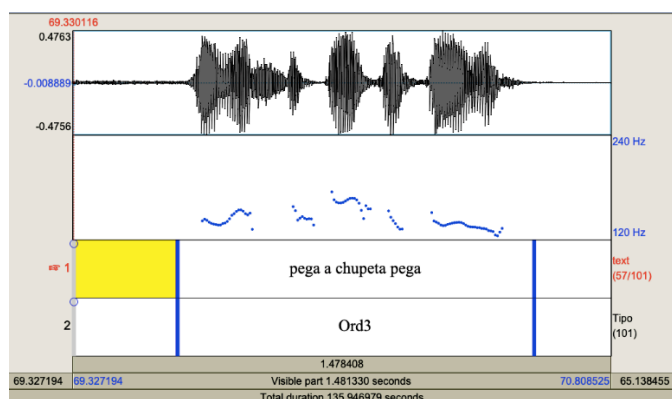
Figura 2 – Exemplo de pergunta *Qu* retórica com registro muito alto e amplo movimento de *pitch*



Fonte: Autoria própria

Diferentemente das interrogativas, as ordens e pedidos apresentaram baixo índice de realce prosódico, com pouco movimento de *pitch* e duração breve. A Figura 3 é um exemplo de enunciado de ordem, produzido pelo tio do bebê Don, com 6 meses e meio (corpus B), que ilustra essas características. Neste caso, o *pitch* só sobe de 127 Hz até 167 Hz em *chupeta*, e logo desce até 125 Hz, como se pode observar na Figura 3, que mostra a curva do *pitch* entre 120 e 240 Hz.

Figura 3 – Exemplo de diretivo de ordem com pouco movimento de *pitch* e registro baixo



Fonte: Autoria própria

Em conjunto, os resultados sugerem que as interrogativas foram mais marcadas prosodicamente, quando comparadas aos demais enunciados, diretivos (ordens e pedidos) ou não. Essa marcação se dá por um ou mais traços, sendo o registro alto e a ampla extensão de *pitch* os mais comumente usados. Os padrões observados na FDA são de modo geral preservados, como os diferentes contornos de *pitch* para perguntas *Qu* e *S/N*, mas mais realçados, sobretudo pelo registro alto e a variação de *pitch*. Isso é particularmente evidente no contraste entre as interrogativas e os demais enunciados diretivos – ordens e pedidos. Nesses, não parece haver muita influência dos marcadores prosódicos da FDC. Uma interpretação possível seria de que ordens e pedidos precisam ser mais categóricos e não ambíguos do que perguntas, sobretudo se são retóricas ou semirretóricas (que, juntas, representaram mais de 60% das perguntas de nossos corpora) e, portanto, seriam menos variáveis. É importante destacar também que há uma variação pessoal ou familiar no uso de alguns dos traços prosódicos analisados, como a voz soprosa.

Conclusão

A FDC é o registro privilegiado de interação com bebês e crianças pequenas em muitas comunidades linguísticas. Suas características sintáticas, lexicais e prosódicas têm sido consideradas importantes para o desenvolvimento cognitivo, social e linguístico do bebê. Saint-Georges et al. (2013, p. 3), a partir de uma revisão da literatura produzida entre 1966 e 2011, identificaram quatro funções principais da FDC: comunicar afeto, facilitar a interação social, engajar e manter a atenção do bebê e facilitar a aquisição da língua. O trabalho aqui apresentado se voltou para esse último aspecto, investigando as interrogativas na FDC em contexto de aquisição do PB. O alto número de perguntas na FDC pode permitir ao bebê uma distinção

preliminar de diferentes estruturas, facilitando o processo de aquisição sintática. A partir da análise de corpora de enunciados produzidos no registro de FDC em situações de interação entre adultos e bebês, buscamos responder as seguintes questões:

As interrogativas estão presentes de forma expressiva nos enunciados de FDC no PB? Perguntas *Qu* e *Sim/Não* são ambas encontradas e em proporção semelhante?

Sim. As interrogativas representaram 36,72% do total de enunciados de nossos corpora, percentual próximo do reportado na literatura (em torno de 40%), com alguma variação de um corpus para outro, mas que não parece ser decorrente do fator idade. As perguntas *Qu* foram a maioria, quase dois terços das interrogativas (68,51%), e novamente foi observada variação na proporção dos dois tipos de perguntas nos corpora. Mais uma vez, a idade do bebê não parece justificar tal variação. É possível que as situações em que os dados foram coletados favoreçam um ou outro tipo de pergunta. Quando o adulto e o bebê interagem afetivamente, a tendência é ter mais perguntas *Qu* (p.ex., “*Quem é a gatinha da mamãe?*”); já durante situações mais específicas, como jogos e refeições, as perguntas *S/N* são mais frequentes (p.ex., “*Quer suco?*”). Por outro lado, os dados sugerem uma relação parcial entre a estrutura sintática e a intenção comunicativa, já que a maioria das perguntas retóricas e semirretóricas (77% e 83,3%, respectivamente) foram formuladas com a estrutura QU. O mesmo não ocorreu com as perguntas plenas, que apresentaram equilíbrio entre as estruturas QU e S/N.

As interrogativas na FDC são realçadas prosodicamente? São semelhantes prosodicamente às interrogativas produzidas em contexto de FDA?

Sim. 73,4% das interrogativas foram marcadas por um ou mais traços prosódicos da FDC, sendo os mais observados o registro alto, as diferenças bem pronunciadas entre picos e vales e ritmo lento. Os contornos de *pitch* das perguntas *Qu* e *S/N* seguiram os padrões encontrados na FDA – respectivamente, descendente e ascendente-descendente –, porém mais marcados pelo amplo movimento de *pitch*.

Quais seriam as intenções comunicativas veiculadas pelas interrogativas?

No total, tivemos maioria de perguntas retóricas, mas observamos variação entre os corpora que, neste caso, parece ser devida à idade. A bebê mais nova, de 4-5 meses, teve uma taxa de 68,7% de perguntas retóricas, enquanto os dados do bebê de 6 meses e meio apresentaram equilíbrio entre os três tipos de perguntas, com leve predomínio de retóricas (37,7%). Nos dados de Bel, coletados em três momentos (6, 8 e 10 meses), há quase totalidade de retóricas aos 6 meses, somente semirretóricas aos 8 meses e quase totalidade de plenas aos 10

meses. A bebê mais velha, de 11-12 meses, teve majoritariamente perguntas plenas em seu corpus (79,3%). Nossa hipótese é que a intenção comunicativa das perguntas da FDC é modulada pela idade do bebê, tendo principalmente a função de engajar o bebê na cena nos primeiros meses, evoluindo para a verificação da compreensão do enunciado e/ou da cena pelo bebê, até priorizar, ao final do primeiro ano de vida, a busca de informação e resposta efetiva da criança.

Os resultados de nossa análise sugerem que as interrogativas são suficientemente destacadas em comparação com outras construções presentes nos enunciados de FDC no PB, tanto por sua alta presença, quanto por suas características prosódicas. Desse modo, podem ser facilmente percebidas pelo bebê e potencializar a aquisição sintática, dessa e de outras estruturas, por contraste. No português, assim como em algumas outras línguas, a diferença entre uma interrogativa *S/N* e uma declarativa se dá pela prosódia, particularmente, pela entoação (Moraes e Colamarco, 2007; Moraes, 2008; Nunes, 2015). As características prosódicas da FDC amplificam essas diferenças, podendo funcionar como via de acesso inicial a suas estruturas subjacentes, em um momento do desenvolvimento cognitivo do bebê em que outras fontes de informação, de natureza semântica, conceitual etc., ainda não estariam plenamente disponíveis.

O aprofundamento da análise dos corpora, assim como a coleta de novos dados para análise, permitirão avançar no entendimento do processo de aquisição da linguagem e, particularmente, da aquisição do português brasileiro.

Referências

- AUSTIN, J. *How to do things with words*. Londres: Oxford University Press, 1962. 168p.
- BARBOSA, P. G. *Características da fala materna e suas implicações para a aquisição inicial do vocabulário*. 2013. 72f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- BARBOSA, P. G.; CARDOSO-MARTINS, C. Uma revisão dos estudos sobre a fala dirigida à criança e suas implicações para a aquisição inicial do vocabulário. *Linguagem em (Dis)curso*, v.14, n.1, p. 195-210, 2014.
- BRAUN, B., DEHÉ, N.; NEITSCH, J.; WOCHNER, D.; ZAHNER, K. The prosody of rhetorical and information-seeking questions in German. *Language and Speech*, v.62, n.4, p.779-807, 2018.
- CAVALCANTE, M. C. B. *Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê*. 1999. 239f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- CAVALCANTE, M. C. B.; BARROS, A. T. M. Manhês: Qualidade vocal e deslocamentos na dialogia mãe-bebê. *Veredas*, volume especial, p. 25-39, 2012.
- CHIANG, C.; GEFFEN, S; MINTZ, T. Distinguishing questions and statements using sentence-initial

prosodic cues. In: BERTOLINI, A. B.; KAPLAN, M. J. (Eds.) *Proceedings of the 42nd Annual Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2018. p. 153-158.

COSTA, G. F. *Percepção do pareamento entre prosódia e sintaxe por falantes do PB*. 2015. 85f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

DADALTO, E.; GOLDFELD, M. Características do maternalês em duas crianças de idades distintas. *Distúrbios da Comunicação*, v.18, n.2, p.201-208, 2006.

DEHÉ, N.; BRAUN, B. The prosody of rhetorical questions in English. *English Language and Linguistics*, p.1-29, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1360674319000157>.

DE LOOZE, C.; HIRST, D. The OMe (Octave Median) scale: a natural scale for speech prosody. In: CAMPBELL, N.; GIBBON, D.; HIRST, D. (Eds.) *Proceedings of the 7th International Conference on Speech Prosody*. Dublin, 2014. p.1-5.

FERNALD, A. Human maternal vocalizations to infants as biologically relevant signals: An evolutionary perspective. In BARKOW, J.; COSMIDES, L.; TOOBY, J. (Eds.) *The adapted mind*. Evolutionary psychology and the generation of culture. Nova York: Oxford Univ. Press, 1992. p. 391-428.

FERNALD, A.; TAESCHER, T.; DUNN, J.; PAPOUSEK, M.; BOYSSON-BARDIES, B. D.; FUKUI, I. A cross-language study of prosodic modifications in mothers' and fathers' speech to preverbal infants. *Journal of Child Language*, v.16, p. 477-501, 1989.

FERREIRA, G. D.; BAIA, M. F.; PACHECO, V. O funcionamento do maternalês/paternalês do PB. *XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico*, p. 906-913, 2017.

FROTA, S.; BUTLER, J.; VIGÁRIO, M. Infant's perception of intonation: Is it a statement or a question? *Infancy*, v.19, n.2, p. 194-213, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/inf.12037>.

GARNICA, O. K. Some prosodic and paralinguistics features of speech to young children. In: SNOW, C. E; FERGUSON, C. A. (Eds.) *Talking to children: Language input and acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. p. 63-88.

GEFFEN, S.; MINTZ, T. Prosodic differences between declaratives and interrogatives in infant-directed speech. *Journal of Child Language*, v.44, p.968-994, 2017.

GOMES DA SILVA, C.; CARNAVAL, M.; MORAES, J. A. Atos de fala diretivos em português e em espanhol: uma análise acústica comparativa. *Entrepalavras*, v.10, n.1, p. 326-345, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-11751>.

GOUT, A.; CHRISTOPHE, A.; MORGAN, J. Phonological phrase boundaries constrain lexical access: II Infant data. *Journal of Memory and Language*, v.51, p. 548-567, 2004.

GUSSENHOVEN, C. *The phonology of tone and intonation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 355p.

HEDBERG, N.; SOSA, J. M.; FADDEN, L. Meanings and configurations of questions in English. In: BEL, B.; MARLIEN, I. (Eds.) *Proceedings of Speech Prosody 2004*. Nara: SProSIG, 2004. p. 309-312.

KUHL, P. Early language acquisition: cracking the speech code. *Nature Reviews Neuroscience*, v.5, p.831-843, 2004.

LADD, D. R. *Intonational Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. 334p.

LEE, S.; DAVIS, B. L.; MACNEILAGE, P. F. Segmental properties of input to infants: a study of

Korean. *Journal of Child Language*, v.35, n.3, p. 591-617, 2008.

MATSUOKA, A.; NAME, C. Propriedades prosódicas da fala dirigida à criança como pistas distintivas da posição do adjetivo dentro do DP. *Anais do VI Congresso Internacional da ABRALIN 2009*, p.473-482, 2009.

MATSUOKA, A.; NAME, C. O uso de pistas prosódicas na identificação do adjetivo por crianças e adultos falantes do PB. *Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN 2011*, p.577-587, 2011.

MORAES, J. A. A entoação modal brasileira: fonética e fonologia. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 25, p. 101-111, 1993. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v25i0.8636887>.

MORAES, J. A. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, D.; DI CRISTO, D. (Eds.) *Intonation Systems: A Survey of Twenty Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998. p. 179-194.

MORAES, J. A. The pitch accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. In: BARBOSA, P.; MADUREIRA, S.; REIS, C. (Eds.) *Proceedings of Speech Prosody 2008*. Campinas: LBASS, 2008. p.389-397.

MORAES, J. A.; COLAMARCO, M. Você está pedindo ou perguntando: uma análise entonacional de pedidos e perguntas no português do Brasil. *Revista de Estudos Linguísticos*, v.15, n.2, p.113-126, 2007.

NAME, C.; SOSA, J. M. The prosody of questions in Brazilian Portuguese Infant-Directed Speech. *Proceedings of Speech Prosody 2020*. Tóquio, 2020. p. 1-8.

NARAYAN, C.; McDERMOTT, L. Speech rate and pitch characteristics of infant-directed speech: Longitudinal and cross-linguistic observations. *The Journal of the Acoustical Society of America*, v.139, p.1272-1281, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1121/1.4944634>.

NEWPORT, E. Motherese: the speech of mothers to young children. In Castellan, N. J.; Pisoni, D. B.; Potts, G. R. (Eds). *Cognitive theory*. Vol. 2. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Ass., 1977. p. 177-217.

NUNES, V. *A prosódia de sentenças interrogativas totais nos falares catarinenses e sergipanos*. 2015. 563f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

PESSÔA, L.; MOURA, M. L. Fala maternal dirigida à criança em cenários comunicativos específicos: um estudo longitudinal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.2, n.4, p. 439-447, 2011.

SAINT-GEORGES, C.; CHETOUANI, M.; CASSEL, R.; APICELLA, F.; MAHDHAOUI, A.; MURATORI, F.; LAZNIK, M.-C.; COHEN, D. Motherese in interaction: At the cross-road of emotion and cognition? (A systematic review). *PLoS One*, v.8, n.10, p. e78103, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0078103>.

SCARPA, E. A criança e a prosódia: uma retrospectiva e novos desenvolvimentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v.47, n.1-2, p. 19-27, 2005.

SEARA, I.; SOSA, J. M.; PIRES DE OLIVEIRA, R. A vitalidade identitária de contornos entonacionais característicos do falar manezinho. *Gragoatá*, v.23, n.46, p.632-653, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/gragoata.2018n46a1098>.

SEARLE, J. R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Oxford: Cambridge University Press, 1969. 226p.

SILVA, I. S.; NAME, C. A sensibilidade de bebês brasileiros a pistas prosódicas de fronteiras de

sintagma entoacional na Fala Dirigida à Criança. *Letrônica*, v.7, n.1, p.4-25, 2014. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2014.1.16855>.

SILVA, C. R.; SANTOS, J. C. L. Perguntas retóricas: entre a gramaticalização e a discursivização. *Veredas*, v.19, n.2, p.248-268, 2015.

SNOW, E. C. Mothers' speech research: from input to interaction. In: SNOW, C. E; FERGUSON, C. A. (Eds). *Talking to children: Language input and acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977. p.31-49.

SNOW, E. C. Issues in the study of input: Finetuning, universality, individual and developmental differences, and necessary causes. In: FLETCHER, P.; MACWHINNEY, B. (Eds.) *The Handbook of Child Language*. Cambridge, MA: Blackwell, 1995. p.180-193.

SODERSTROM, M. Beyond babytalk: Re-evaluating the nature and content of speech input to preverbal infants. *Developmental Review*, v.27, p. 501-532, 2007.

SPLENDRE, K.; CONSTANTINI, A. C.; DA SILVA, K. C. Investigação da prosódia e da linguagem na interação mãe-bebê. *Working Papers em Linguística*, v.20, n.1, p. 172-188, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2019v20n1p172>.

SUNDARA, M.; MOLNAR, M.; FROTA, S. The perception of boundary tones in infancy. *Proceedings of the 18th International Congress of Phonetic Sciences*. 2015.

THIESSEN, E.; HILL, E.; SAFFRAN, J. Infant-directed speech facilitates word segmentation. *Infancy*, v.7, n.1, p.53-71, 2005.

THORSON, J.; BORRAS-COMES, J.; CRESPO-SENDRA, V.; VANRELL, M.; PRIETO, P. The acquisition of melodic form and meaning in yes-no interrogatives by Catalan and Spanish children. *Probus*, v.27, n.1, p.73-99, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1515/probus-2013-0019>.

TRAUNMÜLLER, H.; ERIKSSON, A. *The frequency range of the voice fundamental in the speech of male and female adults*. Institutionen för lingvistik Stockholms Universitet, S-106 91, p.1-11, 1995.

WEPPELMAN, T. L.; BOSTOW, A.; SCHIFFER, R.; ELBERT-PEREZ, E.; NEWMAN, R. S. Children's use of the prosodic characteristics of infant-directed speech. *Language and Communication*, v.23, n.1, p. 63-80, 2003.
